

O URBANO COMO ESCOMBRO E COMO POSSÍVEL LUGAR DE ENCONTRO ATLÂNTICO NAS OBRAS DE LUANDINO VIEIRA E CAROLINA MARIA DE JESUS

Francisco Levy Freitas Rafael¹

Gabriel da Cunha Pereira²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fomentar reflexões sobre realidades urbanas em contextos pós-coloniais, especificamente no Brasil e em Angola. A partir das obras de Luandino Vieira e Carolina Maria de Jesus, respectivamente *A cidade e a infância*, *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*, passeamos pelas cidades de Sacramento, São Paulo e Luanda e acompanhados por categorias múltiplas pensamos e imaginamos o urbano, associado a marcadores de raça, classe e gênero, mais do que um sintoma colonial desenvolvimentista, um escombros. Sendo o campo dos estudos urbanos interdisciplinar, buscamos aportes em metodologias ancoradas na literatura comparada e também nas geo-grafias negras. Para além de uma compreensão mais ampla das formações urbanas das respectivas cidades, buscamos compreender também as obras como escritos expandidos que trazem em seus conteúdos informações que contemplam diferentes áreas de pensamento, proporcionando assim análises mais alargadas, em distintas escalas, sobre o que são os urbanos e suas reverberações.

Palavras-chave: Luandino Vieira; Carolina Maria de Jesus; Urbano; Memória; Imaginação.

ABSTRACT

This article aims to promote analyzes and reflections on urban areas in the Global South in post-colonial contexts, specifically in Brazil and Angola. Referenced in the works of Luandino Vieira and Carolina Maria de Jesus, respectively *A Cidade e a infância*, *Quarto de despejo* and *Diário de Bibita*, we toured the cities of Sacramento, São Paulo and Luanda and accompanied by multiple categories we think and imagine the urban, associated to markers of race, class and gender, more than a symptom of colonial development, a rubble. As urban studies is an interdisciplinary field, we sought contributions from methodologies anchored in comparative literature and also in black geographies. Going beyond a broader understanding of the urban formations of the respective cities, we also seek to understand the works as expanded writings that bring in their content information that address different areas of thought, thus providing broader analysis, at different scales, about what is the urban and its reverberations.

Keywords: Luandino Vieira; Carolina Maria de Jesus; Urban; Memory; Imagination.

¹ Mestre em Geografia PPGe/UFRN. Geógrafo e Artista Multimídia.

² Doutor e Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

INTRODUÇÃO

São muitas e já conhecidas, tornando-se inclusive referências centrais no assunto como Quijano (2012), Segato (2015) e tantas outras, as pesquisadoras que se dedicaram e segue dedicando-se na missão de elaborar críticas apontando caminhos possíveis de contra narrativa ao colonial e as colonialidades, como produto direto dessa primeira, a partir de muitos lugares do planeta principalmente do também já conhecido sul global.

Essas críticas e desejos por reformulações pós ou contra-coloniais são direcionadas quase sempre às sociedades modernas ocidentais e suas formas de vida que giram em torno de movimentos localizados, quase sempre na Europa, seguidos pelos Estados Unidos da América, que abrangem desde as formas mais concretas até as mais abstratas.

A obra da artista e pesquisadora Grada Kilomba, *Memórias da Plantação* (2019), que traz como referência já muitas outras pesquisadoras críticas às modernidades, aos colonialismos e suas reverberações, como Frantz Fanon, é também uma boa referência para pensarmos as ressonâncias coloniais tanto nas formas materiais quanto no campo dos inconscientes coletivos e/ou individuais.

A pesquisadora traz em seu livro relatos de acompanhamentos clínicos psiquiátricos que vão desde relações interfamiliares até mesmo a forma como reagimos às cidades e as pessoas a partir das chamadas políticas espaciais. Essas políticas são, de certa forma, vícios coloniais entre nós, nossas relações com as cidades, com as pessoas ocupando esses lugares indo desde as expectativas urbanas desenvolvimentistas até mesmo as delimitações sobre quem tem direitos as/nas cidades, a viver o urbano, usufruir mesmo, tanto nas formas físicas e materiais, culturais, como modo de vida (LEFEBVRE, 1999.).

Ações como essas acontecem e são contínuas nos tempos e espaços porque as formas, os planejamentos, as ações de exclusão e mesmo os urbanos

como modos de vidas sociais são escombros³ coloniais e modernos fomentados pelos desenvolvimentismos financeiros e mesmo artísticos contemporâneos. O urbano é um desejo, um fetiche mas não para todas as pessoas, ainda que em contextos distintos.

Como herança colonial, as formas urbanas no sul global herdaram também as problemáticas advindas desse modo de vida paralelo aos seus contextos. Cidades surgiram e logo se transformaram em metrópoles em muitos pontos dessa região mundial, o Brasil e Angola são países que podem ser postos aqui como exemplos, mais especificamente dentro de seus territórios nacionais, as cidades de São Paulo e Luanda.

Nesses contextos, as obras de Carolina Maria de Jesus e Luandino Vieira, respectivamente, *Quarto de despejo*, o capítulo *A cidade* em *O Diário de Bitita* e o conto *A cidade e a infância*, do livro de mesmo nome, são além de obras literárias, documentos expandidos de um dado tempo a partir das narrativas espaciais das personagens que trazem informações importantes para pensarmos como as formas urbanas se deram em países como os dois já citados a partir de marcadores de raça, classe e gênero.

Na obra de Carolina, passeamos pelo livro *Quarto de despejo* e também pelo capítulo 8 *A cidade*, de *Diário de Bitita*. O primeiro publicado em 1960, deu fama a Carolina, já o segundo foi publicado em 1982, inicialmente em francês, como obra póstuma com Carolina já consagrada como escritora e intelectual, ainda que fora do Brasil. Ambas as produções são parte de um conjunto de “diários” que compõem o grupo de publicações da autora que narram mais que “somente” suas memórias, traçando desenhos sobre a formação de um Brasil pós virada de século, que há pouco havia passado pela abolição e conservava, como ainda conserva, formas e vícios de sociedades escravistas modernas.

Com Luandino, em sua obra de contos, *A cidade e a infância*, publicada em 1960, damos bons passeios por Luanda, cidade que domina a ambientação de seus contos nessa obra. O lugar que Luanda ocupa no livro em é o lugar das

³ Escombro aqui é utilizada em alusão a obra de Moema Parente Augel, *O desafio do escombro*, onde a autora utiliza essa figura de linguagem para "representar" os "efeitos" das ações coloniais e pós-coloniais, principalmente a partir das categorias de nacionalidade e identidade.

memórias, dos sentimentos, das vivências, mas também, das transformações urbanas que chegam com o surgimento da "nova nação".

Em decorrência de suas características descontínuas o urbano, ou mesmo os urbanos, no plural, como fenômenos sociais, culturais e políticos são sempre bons lugares de análises dadas as mutabilidades que compõem esses espaços em diálogo com as populações e mesmo com os desejos das formas que se reinventam ao longo dos tempos, configurando as arquiteturas de dadas épocas.

O filósofo Henri Lefebvre é uma referência importante dentro do campo dos estudos urbanos, que pela natureza de seus objetos é e deve ser em si interdisciplinar e multidisciplinar. Este pôs em suspensão muitas questões relacionadas aos urbanos, principalmente quando desertou sobre a ideia de enxergarmos estes não somente como estruturas concretas mas também como modos de vidas subjetivos, onde cada experiência vivida, dentro das grandes cidades, revelaria também muitas informações sobre essas estruturas.

Os estudos de Lefebvre se dedicam aos urbanos justamente como produto das inúmeras mudanças ocorridas ao longo dos tempos em conjunturas ocidentais ligadas aos colonialismos, ao surgimento dos capitalismo primitivos e as invasões europeias em outros lugares do globo exportando também seus sentidos desenvolvimentistas defendidos e fundamentados pelas bases das ciências modernas que ditaram com suas práticas higienistas e estudos espaciais muitas das formas urbanas (Lefebvre, 1999) que conhecemos hoje.

A virada do século XIX para o século XX é, sem dúvidas, sobretudo no Brasil o período das grandes revoluções urbanas. São muitas e longas as reformas e rearranjos espaciais que se espalham por todo o país, principalmente nas capitais, fomentando as reformulações urbanas sob o jugo dos exemplos europeus juntos a problemas como o aumento dos movimentos migratórios para os centros urbanos e conseqüentemente, como parte de sua natureza, o aumento também das desigualdades.

Esses arranjos não se dão de forma muito diferente em Angola, que tendo também cidades em formação, como Luanda, importa muitas das formas e dos modos coloniais de se projetar e pensar o urbano, delimitando também as

separações dos espaços por classes e princípios étnico-raciais, fomentando políticas de segregação ao longo da expansão das dadas formas.

Em ambos os países, a partir da segunda metade do século XX muito dos efeitos das más reformulações espaciais, somadas as grandes levas de populações ocupando as cidades por motivos múltiplos e distintos, as lutas contra coloniais e a miséria, são sentidos principalmente pelas camadas mais pobres das populações, que não por coincidência, em ambos os países são compostas em maioria por pessoas negras.

Nesse caminho obras como Quarto de Despejo e Diário de Bibita de Carolina Maria de Jesus e A cidade e a infância, de Luandino Vieira, são escritas no Brasil e em Angola ambos em seus dados contextos de grandes cidades do sul global, pós-colonial, marcadas pela miséria e subalternização de boa parte de suas populações. Ainda que sendo sujeitos sociais absolutamente diferentes, sendo Carolina, uma mulher negra brasileira e Luandino, um homem branco nascido em Portugal e crescido em Angola, suas obras nos dão, a partir de suas narrativas, instrumentos possíveis para que possamos pensar os urbanos, suas organizações e desenhos a partir de marcadores distintos.

A ideia, com essa produção, é menos aproximar ou comparar a autora e o autor, visto que já foram apresentados aqui como sujeitos sociais distintos, e sim, mais tomar o urbano, categoria chave das obras das duas escritoras como possível lugar de encontro Atlântico pensando justamente as formas como essas urbanidades se construíram dentro dos contextos dos dois países em diálogos com marcadores aqui já apresentados anteriormente.

A aproximação entre Brasil e Angola é longa (Pantoja e Saraiva, 1999) e parte de múltiplos lugares que se estendem desde uma matriz colonial comum até a riqueza infinita das diásporas centro-africanas para o Brasil, fomentadas sobretudo pelo tráfico de pessoas escravizadas, mas não só. Essas infinitas ligações são um dos fundamentos que justificam aqui o desejo de pensar as reformulações urbanas nesses dois lugares a partir de figuras centrais em suas literaturas.

A escolha por essas obras, e também pelo passeio junto aos urbanos a partir das mesmas, é também pelo fomento aos estudos dos espaços, e seus rearranjos ao longo dos tempos, a partir de escritos literários que situados em dados contextos ocupam também o lugar de documentos, em sentido e forma expandida, possibilitando análises profundas sobre as conjunturas como muitas outras fontes.

Para o desenvolvimento das análises e também da construção deste texto buscamos metodologias que nos deram aportes tanto no campo das Literaturas Comparadas como na Geografia, em diálogo com os estudos dos espaços. Essa ação se fez necessária pelo próprio caráter interdisciplinar do campo, das obras e também pela confiança de que podemos contribuir com ambas as áreas a partir das elaborações realizadas.

A partir das Literaturas comparadas caminhamos pelas obras junto aos seus discursos refletindo sobre como esses dialogam com as realidades das personagens, das pessoas escritoras, de seus contextos geopolíticos e culturais. Um dos desejos, como já afirmado, é elaborar um panorama, ainda que curto e experimental, sobre as formas e rearranjos urbanos nas cidades de Sacramento, São Paulo e Luanda, criando paralelos entre as mesmas.

Junto a Geografia, procuramos trabalhar com as geo-grafias negras (Ferreira Guimarães, 2019), metodologia desenvolvida por Geni Ferreria que busca analisar e refletir sobre como obras literárias narram ações que dizem respeito às escritas negras do mundo, ou com pessoas negras no mundo e as marcas deixadas e realizadas ao longo dos tempos e espaços como ferramentas contra coloniais, inclusive, ultrapassando lugares de respostas e fomentando códigos outros de leituras de mundo.

CAROLINA E LUANDINO

As escritoras com as quais dialogamos neste texto vem de contextos bem distintos, como já dito anteriormente, mas ainda assim de condições políticas muito próximas, como a colonização *lusa*, para não arriscarmos aproximações possíveis,

não só por suas obras mas também por suas movimentações, participações, lugares de reclamações criados e ocupados tanto por Carolina como por Luandino, figuras que causaram e seguem causando de muitas formas desconfortos em suas realidades.

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra retinta, nascida na cidade de Sacramento, Minas Gerais, em 1914, passadas menos de três décadas da abolição das pessoas escravizadas no Brasil. Carolina viveu as primeiras décadas do século XX em um país marcado por mudanças estruturais onde nenhuma pessoa negra antes escravizada e agora livre havia recebido alguma indenização. Como afirma Fernandes (1978, p.29): "Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou outra qualquer instituição assumisse encargos especiais."

Como migrante em São Paulo, cidade que se transformava cada vez mais em um grande centro urbano de referência, Carolina trabalhava como catadora de materiais reciclados e morava na extinta favela do Canindé, espaço narrativo de sua obra *Quarto de despejo*, publicado em 1960, que tempos mais tarde seria sucesso de vendas, sua obra mais conhecida em sua carreira.

Em 2021, o Instituto Moreira Salles (IMS), instituição brasileira de fomento e preservação cultural, realizou uma exposição em homenagem a Carolina chamada "*Um Brasil para os brasileiros*". A exposição que teve como intuito destacar as produções de Carolina em várias linguagens artísticas, além da literatura, trouxe também à tona a importância dessa figura para o país, para um possível lugar de pensamento social brasileiro, para os movimentos negros, embora tenha sido "invizibilizada" durante muito tempo.

O próprio título da exposição, baseada em dois escritos de Carolina de mesmo nome, nos mostra como a artista e intelectual além de suas auto escritas, fabulações e imaginações presentes em seus diários, obras mais conhecidas, estava também comprometida com uma possível mudança estrutural real no país. Algo que também pode ser notado a partir das muitas críticas que Carolina fazia aos gestores então contemporâneos a ela ou mesmo pelo apoio declarado a João Goulart poucos anos antes da instauração do regime militar no Brasil: "No

documento, redigido de próprio punho, divulgado apenas em jornal da época, Carolina dá total apoio a Jango, lançando duras críticas ao Senado. (Farias, 2021.).

Como Luandino, Carolina foi presa algumas vezes, destas todas por motivos "banais e fúteis" (Farias, 2021) como era e segue sendo comum a população negra no Brasil. Desde a instituição dos códigos de postura em muitas cidades do país, no período pós-abolição e virada do século, reclamações, barulheiras e gritarias tornaram-se motivos de prisão para qualquer pessoa negra e Carolina com sua língua "sempre afiada" não fugiria das ações desses regimes de punição.

Muitas das posições de Carolina pesaram após instauração do regime militar no Brasil, período de perseguição e silenciamento à muitas artistas, intelectuais e pessoas em geral críticas às políticas de formação e desenvolvimento do país. O cenário de cerceamentos e repressões levaram Carolina ao seu sítio em Parelheiros (Farias, 2021), município do interior de São Paulo, onde ficaria até sua morte no ano de 1977, aos 62 anos, depois de tempos de brilho e reconhecimento com sua carreira de escritora e intelectual.

Do outro lado do Atlântico, José Mateus Vieira da Graça, conhecido posteriormente como José Luandino Vieira, homenagearia já em seu nome a cidade que lhe acolheria e serviria de plano de fundo para muitas de suas produções. Luandino, homem branco, nascido em Ourém, cidade da região central de Portugal, mudou-se para Luanda ainda em tenra idade com seus pais, cidade essa onde faria seus estudos e se reconhecera como cidadão Angolano.

Luanda, então uma das maiores cidades do ex-império português recebia, assim como em outros centros das ex-colônias, muitos portugueses que iam tentar a vida ou mesmo ocupar e assegurar territórios para o império. Apesar de não ter informações da origem dos pais de Luandino, acredito que esse também tenha sido o movimento realizado pelo casal e o filho quando saíram da "metrópole" a caminho de Angola.

Jovem crítico e ativo, Luandino foi preso em 1959 antes mesmo da eclosão da guerra colonial (Silva, 2015, p. 133.), voltando a ser preso em 1961, já em contexto de guerra, alegadas ligações suas com o MPLA. Nesse segundo momento, Luandino foi condenado a quatorze anos de prisão, cumprindo uma parte curta em

Luanda sendo transferido posteriormente para Tarrafal, um campo de concentração do império português em Cabo Verde, de onde saiu em liberdade condicional (Silva, 2015, p. 134.) em 1972.

Foi nesse período de reclusão que Luandino escreveu boa parte de suas obras, dentre elas *Luuanda*. Escrito em 1963, quando o autor estava sob a tutela da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) (Silva, 2015, p. 134.), *Luuanda*, um livro de contos, traz além de seu nome várias *estórias* que se passam na cidade além de também já trabalhar com marcadores de infâncias, algo que aparecerá também em outras obras do autor, como o conto com o qual trabalhamos aqui, *A cidade e a infância*.

Junto dos episódios que rememoram essa fase da vida, outros marcadores presentes nas obras de Luandino são as quebras com a escrita em língua portuguesa e a ambientação dos musseques, que são as periferias da cidade de Luanda. Em muitas obras por vezes o autor mescla a escrita com palavras em kimbundo, ação que parece simples mas que ainda hoje é cara as literaturas, aos cinemas e as tantas outra produções realizadas sempre na "língua do colonizador", que por vezes passa como ação de possível integração e proximidade mas que também não deixa de ser um escombro colonial, quebrado muitas vezes por Luandino.

Já com referência aos musseques, o autor caminha por direções que se aproximam das de Carolina, ou seja, as críticas pelo espaço, mas não só pela descrição desses mas sim pela vivência, pelos episódios e cenas que se passam nesses lugares e que revelam nos detalhes muito dos cotidianos, das formas, das vidas que ocupam os musseques, esses que são, em exercício de aproximação, as favelas do outro lado do atlântico.

Pensar a partir desses espaços, ou seja, das favelas e dos musseques é também um dos nossos objetivos com esta produção. É fácil notar em muitas pesquisas e escritos como as histórias das reformulações urbanas, tanto no Brasil, Angola como em outros países, estão sempre ligadas aos "centros" das cidades, como se de alguma maneira, muitas dessas reformas não fossem o principal fator de expulsão das populações pobres de "áreas centrais" para "áreas mais distantes" ou mesmo gerando núcleos de vivência simultânea, ainda que com fronteiras

delimitadas, como é o caso dos bairros Paraisópolis e Morumbi, na cidade de São Paulo.

Acreditando assim que as obras de Carolina e Luandino são referências chaves para entendermos as muitas movimentações que compõem as histórias das cidades, e por consequência dos dois países, faremos um passeio pelos centros urbanos na companhia da autora e do autor a partir de seus respectivas escritas, buscando enxergar como ambos além de nos apresentarem a possibilidade de pensar seus urbanos como modos de vida, excedem e nos levam a pensar esses também a partir de ações de possibilidades de vida.

UM PASSEIO POR SACRAMENTO, SÃO PAULO E LUANDA

Caminhando junto às obras aqui já apresentadas podemos notar que são muitos os aspectos que aproximam, também de muitas formas, os escritos de Carolina e Luandino desde os espaços urbanos, as infâncias, os lugares de memória, as formas, as relações raciais, interpessoais, de trabalho, lugares de diversão e denúncia e mesmo a imaginação, que em verdade surgem como peça chave dos escritos, possibilitando suas existências.

É certo que essas aproximações não se dão ao acaso, ao contrário, como já dito Carolina e Luandino dividem, mesmo que em pontas distintas do Atlântico memórias coloniais comuns, mas não só elas, compartilham também as reverberações pós-coloniais, pós-abolicionistas, desenvolvimentistas e tantas outras que dão origem a muitos do problemas enfrentados hoje por países antes colonizados. As próprias ações de formação comunitária, pensando desde as invenções nacionais às moradias nas favelas e nos musseques, são lugares de extrema complexidade.

Com Carolina, em *Quarto de Despejo*, é possível passearmos pela cidade de São Paulo da metade do século XX. Enriquecida às custas de muito trabalho de pessoas negras escravizadas, concomitante em outros momentos e guardando suas particularidades, com imigrantes de muitos lugares da Europa, Japão e Líbano, a cidade de São Paulo logo se apontou como destaque no Brasil. Ainda que nunca

tenha ocupado posição de capital nacional, a cidade sempre teve por conta de suas oligarquias cafeeiras uma elite poderosa que por sua vez, ao declínio da *commodity*, logo tratou de transformá-la em um centro capitalista industrial.

As concentrações de renda, as más administrações nacionais de um território continental e a carência de mão de obra barata para o então centro industrial e seus ecos foram fatores que impulsionaram os movimentos de migração para São Paulo, até mesmo mais que fatores naturais, como nos fizeram acreditar e como também fizeram acreditar Carolina, onde em passagens suas em ambas as obras aqui apresentadas a autora identifica "Baianos", "pessoas do Nordeste" ou do Ceará que chegavam na cidade pela pobreza de seus lugares de origem.

A chegada de pessoas migrantes, como foi Carolina, inflamou problemas já antigos da cidade de inserção de pessoas negras e pobres nos mercados de trabalho (FERNANDES, 1978, p. 44), gerando grandes grupos ausentes de direitos e imersos em precariedades, sendo as formas de moradia uma das mais preocupantes. Primeiramente expulsas de muitos cortiços, por conta das já reformas urbanas, as pessoas pobres tratavam de ocupar outros lugares da cidade dando início a muitas das favelas que conhecemos hoje no país, ou mesmo de outras que foram engolidas pelo crescimento das cidades, como é o caso da Favela do Canindé, onde morava Carolina.

Foi nessa favela que Carolina escreveu seu famoso livro *Quarto de Despejo* que a tornaria conhecida. Na obra ela narra, e por vezes imagina, seu cotidiano junto a sua vizinhança, suas crianças, seu trabalho como catadora, sua companhia, por vezes contínua, a fome, as dificuldades de obter trabalho, as relações étnico-raciais nos espaços e principalmente como todas estas questões estavam implicadas com os rumos da política nacional e com seus famigerados representantes. Em uma passagem do seu livro, datada de 10 de maio, Carolina ao visitar um tenente escuta dele que: "a favela é um ambiente propenso, que as pessoas têm mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil à pátria e ao país."(JESUS, 2019, p. 25).

Carolina prontamente responde ao tenente em pensamento: "Se ele sabe disto, porque não faz um relatório e envia para os políticos? O senhor Jânio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre

lixreira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades." (JESUS, 2019, p. 25). A resposta de Carolina nos mostra como a autora percebia os problemas sociais e as realidades das favelas como algo bem mais complexo, sobretudo como fruto de descaso político.

Em 1961, junto ao Movimento Universitário de Desfavelamento (MUD), Carolina apoiou o movimento de extinção da favela do Canindé (FARIAS, 2021) em nome da criação e mudança das pessoas daquela área para um conjunto habitacional, ação que na época foi elogiada mas que hoje podemos enxergar e analisar como um ato de gentrificação, processo pelo qual espaços são requalificados impulsionando a expulsão de moradores mais antigos em nome de novos moradores com rendas mais altas e com outros padrões de vida.

A vida de Carolina na favela do Canindé acompanha então fases de uma transformação urbana real, contínua e desenvolvimentista quando conhecemos o espaço ainda ocupado por ela e por outras famílias até a inexistência do lugar em nome das reformulações espaciais. Essas mudanças acontecem também em micro escala na vida de Carolina que lançando suas obras intituladas *Casa de Alvenaria* expõe sua vida de novas realizações e ascensão social: "Agora todos me ouvem. Não sou mais uma negra suja da favela."(JESUS, 1961, p. 17). A autora é orgulhosa de sua nova posição, ainda que essa tenha custado sua entrada em um mundo estranho de reconhecimento, dinheiro e frustrações.

O sonho da casa de alvenaria é reflexo das moradias precárias pelas quais Carolina passou na infância e em parte de sua vida adulta. Em diário de Bitita, Carolina nos fala sobre o custo que era para sua mãe cobrir a casa sempre com novos ramos de capim em Sacramento, cidade onde nasceu e morou até chegar em São Paulo: "Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carroça de capim". (JESUS, 1986, p. 2).

Sacramento, ainda que sendo cidade pequena, já esboçava separações espaciais baseadas em relações raciais e de classe o que fez com que Carolina experimentasse opressões urbanas mesmo antes de mudar para São Paulo, o que não a impediu também de ter boas lembranças da cidade como as das crianças correndo e brincando nas ruas.

Essas movimentações das crianças nas ruas são inclusive pontos de ligação entre as memórias de infância de Carolina e também de Luandino, ainda que o segundo tenha expressado suas lembranças a partir do personagem Zito que dá vida ao conto *A cidade e a infância*. Mesmo que este na narrativa esteja à beira da morte é possível para nós, leitores, acompanharmos seus exercícios de nostalgia com sua infância e a cidade de Luanda.

Luandino através das lembranças de Zito, nos leva em um passeio por uma cidade, ainda que segregada, cheia de belezas. Assim como Carolina, Zito tem em suas passagens lembranças de personagens ícones que ocupavam as ruas como bêbados, as senhoras das esquinas ou mesmo homens pretos e velhos que eram inquietados pelas crianças de todas as cores que tomavam conta das ruas sobre o chão vermelho dos musseques, periferias de Angolla, Maculussu e Braga:

"A rua era de areia vermelha. Poucas casas novas. [...] E às vezes passava também aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-no à pedrada e depois fugiam para casa." (VIEIRA, 1960, p.26)

Em Luanda, o personagem Zito também rememora, assim como Carolina em Sacramento, as casas dos pobres com seus telhados de materiais outros, mas no seu caso as cubatas, que enchiam o musseque Braga, o bairro de sua infância com suas telhas de zinco: "Moravam numa casa de blocos nós com telhado de zinco. Eles, a mãe, o pai e a irmã que já andava na escola."(VIEIRA, 1960, p. 27.)

As memórias de Zito também nos anunciam que assim como aconteceu em São Paulo, os moradores pobres de Luanda também viviam sob ameaças de gentrificação, aos poucos lugares vividos na infância foram sendo tomados por prédios, areias amarelas de construção substituindo o barro vermelho até o momento em que o musseque Braga é substituído por completo pela expansão do bairro Café: "As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome." (VIEIRA, 1960, p. 27.)

Cidades e experiências distintas mas que ainda assim se aproximam e nos comunicam sobre o urbano como um escombros, como um desejo

desenvolvimentista, moderno e colonial que ocupa ambos os lados do atlântico. A infância, convidada tanto por Luandino como por Carolina, seja talvez um lugar possível de segurança em meio às mudanças contínuas dos espaços, dos apagamentos das memórias negadas, das impossibilidades dos direitos à moradia e cidadania.

Em meio aos cenários de opressão e guerra talvez seja mesmo a imaginação uma saída justa e confortável, talvez também por isso, tanto Luandino quanto Carolina tenham recorrido a esse lugar. A imaginação como fuga diante de um modo de vida decadente e opressor em seus vícios, como é o urbano, ainda que cheio de crianças nas ruas correndo, ainda que rachando de possibilidades de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que, cada vez mais, muitas obras literárias têm sido referências para muitas pesquisas de áreas distintas, como nas ciências humanas, por exemplo, que em diálogo com os estudos literários têm possibilitado expansões e elaborações de perspectivas outras de processos existentes nos tempos e nos espaços. Nessa comunicação, particularmente, buscamos trabalhar com as obras de Carolina Maria de Jesus e Luandino Vieira, pensando em como estas nos dão absolutos aportes para refletirmos sobre as cidades e os aspectos urbanos em suas respectivas escritas, mas não só, também sobre suas vidas.

Como contribuição para a área dos estudos urbanos, em especial para Geografia, defendemos as aproximações e possibilidades cada vez mais reais e necessárias de perspectivas e práticas interdisciplinares que nos levem a pensar em conexões, como é o urbano, por vezes distante de um rigor cego e caro da ciências, caminhando sentido as experimentações.

Experimentar parece ser, inclusive, um dos principais pontos comuns entre as obras, autor e autora aqui trabalhados, onde em seus respectivos espaços foram capazes de analisar, “retratar” e mesmo imaginar suas realidades, suas memórias, como quem inventa vida em meio a guerra e a pobreza. Talvez seja mesmo isso, o desejo de imaginar, e mais ainda, experimentar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIAS, Tom. As opiniões políticas de Carolina. **Revista Quatro Cinco Um**. n. 48. Editora Uol. 2021. Disponível em: <https://quatrocincoum.folha.uol.com.br/br/artigos/literatura-brasileira/lingua-de-fogo>. Acesso em 03 de janeiro de 2021.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v.1.
- FERREIRA GUIMARÃES, G. Geo-grafias negras e Geografias negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**. v. 12, n. ed. especial, p. 292-311, 2020
- FLÁVIA DA SILVA, Renata. a cidade e a infância, espaço, temporalidade em Luandino Vieira. **Revista Mulemba**. v. 7, n. 12, p. 113-125. 2015. doi: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2015.v7n12a5028>
- JESUS, Carolina Maria de. A cidade in: **Diário de Bibita**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 10 ed., Editora Ática, Rio de Janeiro, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano**. Cobogó, Rio de Janeiro, 2019
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução: Sérgio Martins. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 1999.
- PANTOJA, Selma, SARAIVA, José Flávio S. **Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul**. Bertrand, Rio de Janeiro, 1999.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidade, poder, globalização e democracia**. Novos Rumos. no 37 (17), 4 - 28, 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos**. Prometeo Libros, Buenos Aires. 2015.

SILVA, Zoraide Portela. Escrita e infância nas estórias de Luandino Vieira: uma leitura de Luanda. **Politeia - História e Sociedade**. v. 13, n.2. 2015.

VIEIRA, Luandino. A cidade e a infância in: **A cidade e a infância**. 1. ed. Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, 1960.